

Caça entre tesouros

Jóias contemporâneas em diálogo com as obras do Museu de Arte Antiga



«Mártires», de Carla Castiajo, diante de «O Martírio de São Sebastião», de Gregório Lopes

Foi com o intuito de aproximar e fomentar o diálogo entre joalheiros europeus que se criou, em 1994, o Simpósio Internacional de Joalheria Contemporânea «Ars Ornata Europeia». Organizado este ano em Portugal, pela primeira vez, o evento é assinalado no Museu Nacional de Arte Antiga com uma ampla mostra comissariada por Cristina Filipe, Marília Maria Mira e Paula Paour, fundadoras da Associação Portuguesa de Joalheria Contemporânea «PIN».

Num momento em que renova a sua orientação, o museu retoma com esta proposta um projecto acolhido em anterior direcção e uma das suas linhas de actuação mais importantes: a que se prende com a intervenção directa no espaço museológico, junto ou a partir de peças da colecção, abrindo portas a projectos de criadores contemporâneos que subvertam barreiras conceptuais e cronológicas para gerar encontros entre tempos, lugares e públicos distintos. Nesse sentido foi possível acompanhar iniciativas como as de «Passagens», com olhares cruzados sobre peças do Museu da Faculdade de Medicina, ou a individual «Ter», de Pedro Gomes, que resgatava no desenho as possíveis relações de um corpo com peças de ourivesaria e mobiliário.

A actual proposta é tão difícil quanto arrojada, na medida que congrega 23 artistas disseminados por to-

do o circuito expositivo, que fazem das suas peças a ponte para um (outro) olhar sobre as obras expostas e sobre as actuais propostas de joalheria. O resultado não deixa, no entanto, de ser marcado por uma certa desilusão, com o peso de tão poderosa e significativa colecção a não se deixar perturbar facilmente pelas provocações lançadas nem a potenciar muitas vezes a leitura dos intrusos consentidos. Mas casos há que se destacam nesta caça ao tesouro de imbricada concretização, que se faz com um despojado mapa de reduzida leitura nas mãos.

É o que acontece com os trabalhos de Ana Campos e Alexandra Serpa Pimentel, que convertem e cruzam os motivos ornamentais dos tecidos ex-

postos noutras linguagens e com uma outra finalidade (alfinetes e pendentives). Outras propostas avançam no sentido de criar adereços adicionais ao que é exposto ou de reformular o existente sob outro sentido. Veja-se o caso da pulseira de Robert Baines ou do «Pin Pop» de Ted Noten.

Mas as situações mais interessantes desta mostra são as que, tomando como ponto de partida o tema encontro, o convertem numa reflexão mais ampla, diluindo fronteiras e dando um sentido particularmente estimulante à iniciativa. Assim, Zélia Nobre mantém utilizações e firma a importância do desenho em peças contemporâneas, entre exemplos suntuosos de joalheria de outros séculos, e Noam Ben-Jacov marca presença com um vídeo que explora visualmente a relação do corpo com os materiais, efeitos e significado das jóias.

Outros artistas fazem das suas peças uma aproximação à natureza das instituições museológicas. É o caso de Marília Maria Mira, formalizando o conhecimento fragmentário da história numa série de pendentives, em referência à Sala Patiño, e de Cristina Filipe, que concebeu um projecto a que as fotografias de C. B. Aragão deram excepcional presença: uma galeria de retratos onde os membros da equipa do museu, incluindo a directora, envergam com pose, pompa e circunstância as jóias da sua «coroa».

Alguns artistas interrogam ainda o seu papel, os meios em que operam e os objectos. São por isso curiosas as opções tomadas por Manuel Vilhena, Paula Paour e Tereza Seabra. Nesta exposição, em que participam também projectos de Diana Silva, João Martins, Leonor Hipólito, Madalena Avellar, Manuela de Sousa, Nininha Guimarães dos Santos, Otto Künzli, Paula Crespo e Tanel Veenre, destaca-se o trabalho inquietante de Carla Castiajo, que faz de um colete-espartilho de velas a representação e actual reformulação dos sacrifícios e martírios do homem.

ANA RUIVO

«Mais Perto | Closer»

Museu Nacional de Arte Antiga,
até 11 de Setembro

Pulseira «Java-la-Grande», de Robert Baines